

VALOR

ECONÓMICO

11 de Novembro 2019
Segunda-feira
Semanário - Ano 4
Nº 184/ kz 400

Director-Geral
Evaristo Mulaza



FIDELINO QUEIROZ, SOBRE O ENDIVIDAMENTO PÚBLICO

“O Governo está a cavar um buraco sem saída”



ENTREVISTA. Crítico da subvenção estatal à agricultura de subsistência, Fidelino Queiroz não tem dúvidas de que a estratégia de endividamento público está errada. E diz que o Governo tem alternativas, destacando, por exemplo, a criação de condições no mercado para empresários e investidores. A João Lourenço o empresário deixa um conselho: que reduza as viagens para organizar a administração pública. Págs. 4 e 5



Bancos com dificuldades de cumprir reservas obrigatórias

BANCA. Banqueiros ouvidos pelo VALOR revelam dificuldades no cumprimento da exigência do BNA de aumento do coeficiente das reservas obrigatórias para 22%. Em causa, o “imediatismo” da medida. Pág. 8

2,9 MILHÕES DE LITROS/ANO Cerveja Luandina exportada para a China

A Sodiba, produtora da Luandina, fechou um acordo que vai permitir a exportação anual de 2,9 milhões de litros de cerveja para a China. Para já, uma cidade vai receber os 240 contentores, mas os planos da Sodiba passam por colocar a Luandina em todas as províncias chinesas. Pág. 10

DESAFIOS DO NOVO PCA DA ARSEG

Revisão da lei e resseguro nas prioridades

SEGUROS. Elmer Serrão, o novo PCA da Arseg (na foto), tem uma mão cheia de tarefas à frente. Os operadores sugerem, entretanto, onde começar: revisar a lei e criar o resseguro. Pág. 6



Editorial

A RAZÃO DA HISTÓRIA



Na semana em que se assinala mais um aniversário da Independência nacional, coloca-se mais uma oportunidade para se recordar dois autores diferenciados. Uma das lições de James Robinson e Doran Acemoglu em 'Porque Falham as Nações' mostra que os desafios complexos das sociedades não se resolvem com soluções fáceis. Porque, muitas vezes, determinados problemas estruturais resultam de políticas e práticas erradas que se enraízam ao longo de séculos. Os desníveis de desenvolvimento económico e social entre a América do Sul e a América do Norte é das comparações mais interessantes, na obra. Os dois autores percorrem cinco séculos para determinar que, apesar da abundante riqueza em

recursos naturais, o Sul da América foi ultrapassado porque, desde muito cedo, começou a erguer instituições extractivas, ao contrário dos americanos do Norte, que apostaram mais antecipadamente em instituições inclusivas. As razões de fundo que levaram a essa diferenciação podem ser largamente debatidas. O que não é discutível é, com certeza, a tese de que a desgraça de uns e a felicidade de outros começaram a ser esboçadas há muito mais tempo do que se poderia julgar.

Trevor Noah, ao contar-nos a história da sua infância e juventude na África do Sul do apartheid, em 'Sou Um Crime', confirma na prática a tese de Robinson e Acemoglu. Porque mostra, por exemplo, que a aversão dos negros sul-africanos aos negros africanos de outros países tem também origens na construção do próprio apartheid. E não exclusivamente

na incapacidade dos sucessivos governos em gerar estabilidade económica e social.

Angola vive hoje essa crise de compreensão da origem e das causas dos seus insucessos. O processo de transição política embarcou o país numa história transformacional que ignora a relevância da História. Quer na forma como os contextos históricos condicionaram os avanços em momentos específicos. Quer na forma como esses mesmos contextos favoreceram o florescimento de certas práticas que hoje se desejam combatidas. É essa 'ignorância histórica' que, em parte, condiciona processos de transição e de transformação mais efectivos em África. Na semana da Independência nacional e em plena conjuntura de indiscernimento político, nunca será demais uma revisão e interpretação correctas do que a História ensina.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Antunes Zongo, Isabel Dinis, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa
Secretária de redacção: Rosa Ngola

Paginação: Edvandro Malungo, Francisco de Oliveira e João Vumbi
Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

Colaboradores: Cândido Mendes e Mário Paiva
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:
Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel
Departamento Comercial: Geovana Fernandes

Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade, Luanda/
Angola, Telefones: +244 222 320510;
222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao;
comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



MANUEL GONÇALVES, ex-PCA da Ensa Seguros

Que balanço faz da sua gestão?

No início, tínhamos uma empresa com resultados negativos e sem cultura empresarial. Tínhamos uma empresa com muitos trabalhadores para além das necessidades e alguns com grande vontade de fazer as coisas. Conseguimos, ao longo do tempo, mudar a situação. Tivemos a vantagem de fazer avançar o projecto de mudança com 64 iniciativas.

Sai realizado?

Em 2000, a Ensa detinha o monopólio do mercado. Hoje temos 28 seguradoras e a Ensa continua a liderar, mesmo num universo de concorrentes fortes. Estamos numa posição de topo graças ao esforço. Portanto, somos líderes com uma quota de mais de 35% do mercado.

O que fará doravante?

Vou parar um bocado para fazer as coisas de que gosto. O Manuel Gonçalves vai dedicar-se à advocacia e o Né Gonçalves (nome artístico) à música. Teremos novidades a esse nível em que há muito por fazer.

TERÇA - FEIRA

Angola participa, em Gaborone, Botsuana, na Conferência Internacional sobre Diamantes, com uma delegação chefiada pelo ministro dos Recursos Minerais e Petróleos, Diamantino Azevedo, que manteve encontros com os homólogos do Botswana e da Namíbia, no quadro do reforço da cooperação.

QUARTA - FEIRA

Isabel dos Santos solicita apoio às autoridades chinesas para que grandes plataformas de comércio online da China, como Alibaba, Jindong e Tabao, dêem maior visibilidade aos produtos africanos. A empresária participou como oradora na Feira Internacional de Importação da China.



SEGUNDA-FEIRA É inaugurada a quarta fábrica de lapidação de diamantes, denominada 'KGK Angola', com capacidade para processar 100 mil quilates brutos/ano, em Luanda. A iniciativa é uma parceria entre o grupo de origem indiana 'KGK', que detém 65%, a Sodiam E.P, com 5%, e a UST, com 30%.

QUINTA - FEIRA

O ministro da Agricultura e Florestas, António Francisco de Assis, promete preços mais baixos, para a linha de montagem de tractores que começa a funcionar a partir deste mês, na Zona Económica Especial (ZEE), em Luanda.



SEXTA - FEIRA

O Presidente da República, promete investimentos modernos para melhorar as condições técnicas e laborais da Televisão Pública de Angola. João Lourenço esteve no Centro de Produção da TPA, no Camama, em Luanda.



SÁBADO

O vice-presidente da República regressa da cidade de Gaborone onde participou na cerimónia de investidura do recente presidente eleito do Botswana, Mokgweetsi Eric Masisi. Bornito de Sousa esteve em Gaborone em representação do Estado.



DOMINGO

A Polícia Fiscal de Mbanza Congo apreendeu dois milhões de kwanzas no Luvo, no Zaire, quantia que seria transportada para a RDC, por um cidadão angolano. Os valores encontram-se no Posto Aduaneiro do Luvo, 1.ª Região Tributária.



COTAÇÃO



MENOS HORAS NAS BOLSAS EUROPEIAS

Os operadores financeiros europeus estão a defender a redução de 1h30 nas horas de transacção nas bolsas de valores europeias, segundo a Associação Europeia de Mercados Financeiros (AFME). Defendem que as transacções se realizem entre as 9 horas e 1h30 e não mais entre as 8 horas e 16h30. Lembram que o alargamento do período se justifica para "melhorar a cultura, a diversidade e o bem-estar nos pregões e criar mercados mais eficientes".



ASIA NO VERMELHO

As bolsas de valores da Ásia fecharam no vermelho no início desta semana, sendo que apenas o índice Hang Seng, bolsa de Hong Kong, ficou em alta de 2,62% a 26.962. A maior queda registou-se no índice de Shenzhen Composite e foi de 2,26% a 1.611. A situação é atribuída à indecisão no acordo comercial entre os Estados Unidos da América e a China e aos protestos violentos em Hong Kong.

Entrevista

FIDELINO QUEIROZ, EMPRESÁRIO

“O Estado está a ‘apertar o cinto’ do cidadão mas não está a apertar o seu”



Mário Muijates © VE

Perfil

Herdeiro do ofício do falecido pai, Fidelino Queiroz nasceu em 1955 na localidade de São João das Mupas, em Catabola, no Bié. É proprietário da fazenda Longa Fidelidade com três mil hectares nas margens do rio Longa, na Quiçama. Entre 1991 e 2000, foi dos principais fornecedores de hortícolas às FAA e à Polícia Nacional. Entretanto, a produção reduziu “por causa de um litígio com as autoridades tradicionais que o Estado não está a conseguir resolver”. Agora quer recuperar as fazendas familiares da baixa de Cassanje, em Xamuteba (Lunda Norte), para cultivar algodão, com parceiros zambianos e seichelenses. “Tudo depende da forma como esses investidores serão recebidos pelo Governo.”

Proprietário de uma fazenda de três mil hectares nas margens do rio Longa, Fidelino Queiroz é crítico da subvenção à agricultura de subsistência, colocando a produção em escala como a única capaz de desenvolver o sector. O empresário critica também o endividamento público que “semeia a pobreza” e diz que João Lourenço deveria estar concentrado em organizar a administração pública, ao invés de “correr atrás de financiamentos que não resolvem nada”.

Por Júlio Gomes

Depois da independência do país, definiu-se a agricultura como a base do desenvolvimento. O slogan ainda

é válido?

Não estão a aparecer as soluções nestas mais de quatro décadas de soberania. Continuamos a falar muito sem resultados.

O que se deveria fazer?

Enquanto não conseguirmos mudar a mentalidade dos dirigentes, não

vamos resolver os problemas do país. Teremos de ser nós os angolanos a fazer acontecer as coisas, conforme o fizeram todos os outros: italianos, noruegueses, chineses, dinamarqueses, só para citar. Mas isso faz-se com políticas sérias e, sobretudo, com muito nacionalismo e patriotismo.

O Governo não é sério?

O dinheiro dos créditos é que nos está a afundar. Se resolvesse o problema, Angola seria dos países mais desenvolvidos, mas é dos mais atrasados. Aliás, com os créditos, o Governo está a cavar um buraco sem saída.

Está a criticar o recurso aos financiamentos, inclusive ao Fundo

Monetário Internacional?

Claramente! A primeira fase da distribuição de riqueza começa com a produção interna e salários dignos. Depois, o Estado vai em busca dos impostos. Quando não há produção interna, não pode haver desenvolvimento social.

Mas com esses financiamentos o Governo procura potenciar a economia?

Estamos a beneficiar as economias de outros países. Estes é que estão a produzir, nós estamos aparentemente a construir.

Que alternativas existem?

A política de estar atrás dos créditos não me parece uma boa

estratégia para a economia. Mesmo as parcerias com estrangeiros são de algum modo benéficas, mas é preciso fazer com que os capitais não sejam constantemente repatriados. É preciso aprender com os estrangeiros e depois, sozinhos, aplicarmos na superação do atraso, que já é arreliante. Quanto mais dívida se faz mais cairemos num beco sem saída. Aliás, se a dívida pública já vai em cerca de 90% do PIB não é suportável para um país como o nosso.

Mas isto não deve ser segredo para o próprio Governo...

O segredo está há muito decifrado. O Estado não tem de fazer, apenas

deveria criar o ambiente apropriado para que os privados façam o país acontecer.

Simplifiquemos: o que o Estado afinal não deve fazer?

Não deve distribuir insumos aos camponeses, porque têm uma produção residual de subsistência. São os empresários que produzem em grande escala. São estes que deviam ser incentivados com políticas claras e um bom ambiente de negócios.

O camponês não merece qualquer protecção?

Na nossa realidade, um hectare no sector camponês não rende mais que mil quilogramas de milho. Se cada quilo for vendido a 100 kwan-

“É o luxo na miséria. Os governantes passeiam classe em viaturas topo de gama, quando temos muitos problemas básicos. Eles vivem com muito mais luxo do que em países desenvolvidos.”

zas, serão 100 mil kwanzas. Acha que com esse valor o camponês consegue melhorar a sua vida por 12 meses?

O que acha?

É preciso voltarmos às lojas de povoação do tempo colonial em que os comerciantes tinham dupla função: vender produtos industriais e comprar os produtos agrícolas. Era esse comércio que servia de logística para a produção familiar, nunca o Estado.

Como se deve melhorar o ambiente de negócios?

Em vez de o Presidente da República estar a correr atrás de financiamentos que depois não resolvem nada, deveria estar focado em pôr a administração pública a funcionar.

O défice ainda é grande?

A nossa administração pública dificulta gravemente o ambiente de negócios. Para tratar de qualquer documento, leva-se muito tempo. O Estado deve ser um elemento facilitador e não complicador. João Lourenço, ao invés de ir a busca de dinheiro para se financiar, deveria estar concentrado na criação de condições para que os privados desenvolvam a sua actividade sem sobressaltos e criem emprego.

Esteve recentemente num fórum sobre agricultura na Tanzânia...

A viagem aconteceu em Outubro último no âmbito da SADC. Foi um diálogo público-privado sobre a fileira de produtos agrícolas: arroz, soja, trigo e o algodão. Na qualidade de agricultor, fui convidado pelo Ministério da Agricultura e Florestas para dissertar sobre a cultura do algodão. Foram debatidos os problemas da agricultura na região, na vertente dessas culturas, desde a produção, industrialização e comércio.

E que balanço faz desse encontro?

Deu para constatar que há uma insuficiência em praticamente todos os países do continente relativamente a essa cadeia de valor. Não há produção suficiente. Os problemas são mais ou menos comuns, com ligeiras variações: uns mais ou menos avançados e outros, como o nosso, muito atrasados. O ridículo é que essas culturas industriais estão a ser produzidas pelo camponês que não tem nenhuma capacidade. Logo, não há como avançar. É na grande extensão que se con-



Mário Mujites © VE

seguem quantidades substanciais para cobrir as nossas necessidades. Ou se mudam os paradigmas, ou então continuamos e não saímos dessa ‘cepa torta’, porque a região tem um potencial enorme de terras aráveis, clima e água.

Mas o que esteve na origem da falência do sistema produtivo?

A culpa é da pressão da potência que apoiou a independência de Angola, a ex-União Soviética, que tinha todo o interesse de exportar para cá. Eles precisavam de abrir mercados para os seus produtos e dos satélites do leste europeu, acabando por destruir completamente todo o nosso sistema de produção.

Como isso se processou?

Para quem viveu parte da sua vida na época colonial, sabe que Angola era um país exportador. A economia do país assentava na agricultura e não nos recursos minerais. Embora os portugueses soubessem que existiam, por exemplo, diamantes e petróleo, era o sector agrícola o motor da economia. Mas isso não agradava aos soviéticos e de país exportador passamos a importador.

O que acha do Prodesi?

A despesa pública é muito duvidosa e não tem qualidade. Tanto o Prodesi como outros programas do Governo não darão certo. Vejo todos esses programas, como o PIIM, como uma forma de agra-

dar o eleitor por causa das eleições autárquicas que estão às portas. Nada mais que isso. Estamos mal.

E a responsabilidade da banca?

Tem de haver vontade política. É necessário ‘desmamar’ a banca porque ela está amarrada à ‘teta’ do Estado. Enquanto isso acontecer, obtendo lucros fabulosos, não vai financiar a economia. Os bancos estão a sugar o Estado e este deixa-se sugar.

Não partilha, portanto, do entusiasmo governamental da diversificação económica?

Estando os bancos numa zona de conforto, naturalmente, não vão procurar sair dela para o desconforto. Logo, o Estado, por um lado, diz que quer diversificar, mas, por outro, mantém nessa situação de conforto quem deve financiar a economia.

Em que medida a desvalorização do kwanza está a afectar os agricultores?

Este é outro factor constrangedor da actividade agrícola. Desde 2017, quando se começou a cogitar a desvalorização, alertei através do facebook para os riscos, porque os agricultores e mesmo os camponeses dependem de equipamentos e insumos importados. Logicamente que, quando se desvaloriza a moeda, os preços internos sobem, mas os preços de venda dos nossos produtos não sobem. O que se está a verificar é a deriva do mercado. Com a desvalorização da moeda, tudo sobe, os rendimentos mantêm-se e cada vez há menor capacidade de consumo. O país, de um modo geral, está a empobrecer. Já tínhamos uma classe média alta com salários equivalentes a cinco mil dólares. Estes que já tinham uma vida razoável estão agora a ‘patinar’ e os que ganhavam abaixo disso estão ainda pior. É a desgraça geral anunciada.

É a receita do FMI...

Esses técnicos do FMI que falam da redução dos nossos salários quanto é que ganham? Nunca colhi mangas num mamoeiro ou vice-versa. Se tenho mangas é porque semeiei mangueiras.

O que isso significa?

Estamos a semear pobreza e não vamos colher riqueza. Para haver crescimento económico tem de haver consumo e para isso acontecer tem de haver salários con-

dignos. Se o assalariado vê o seu poder de compra reduzido, não há margem para o crescimento económico. E tudo isso se agrava, quando o Estado impõe mais uma série de impostos.

Está a referir-se ao IVA?

O IVA nem tanto, porque trouxe um agravamento de apenas três pontos percentuais. Só que, imediatamente após a entrada do IVA, o BNA ‘soltou’ a taxa de câmbio. Evidentemente, se a taxa de câmbio disparou, os comerciantes, porque importam mercadorias, têm de actualizar os preços sob pena de não conseguirem repor os stocks. Não sei o que os nossos economistas andam a estudar que não conseguiram prever essa situação.

Mas há pressão do Governo sobre o comércio para manter os preços sobretudo dos bens da cesta básica...

Se houver muita pressão sobre os comerciantes, obrigando-os a manter os preços, seguramente, muitos vão fechar. Há uma série de políticas que o Estado precisa de refazer. Não podemos continuar a pensar que fica mais barato comprar os derivados de petróleo do que refiná-los aqui. No sector agrícola, se se pensa, por exemplo, no milho, então tem de se criar uma estratégia para o incentivo da produção de milho pelo sector empresarial.

Mas o Governo vai dando sinais neste sentido.

O Presidente da República diz essas coisas de maneira muito leve. Mas sabe que o sector empresarial agrícola é muito débil. O Estado está a subvencionar a agricultura dos camponeses para fazerem concorrência desleal aos agricultores.

No próximo ano devem acabar os subsídios aos combustíveis...

Então será o descalabro! Aliás, se as políticas do Governo fossem boas, não teríamos o país no estado em que se encontra. O Estado está a ‘apertar o cinto’ do cidadão, mas não está a apertar o seu. Não está a dar o exemplo. O Governo, além de ser muito alargado, e por isso mesmo absorve muitos recursos financeiros, ainda ostenta muito acima da capacidade do país. É o luxo na miséria. Os governantes passeiam classe em viaturas topo de gama, quando temos muitos problemas básicos. Eles vivem com muito mais luxo do que em países desenvolvidos.

Economia/Política

AGUINALDO JAIME DEIXA INSTITUIÇÃO SEIS ANOS DEPOIS

Revisão da lei e criação do resseguro entre os desafios do novo PCA da Arseg

SEGUROS. Sector está a terminar o ano com ‘imensas’ reclamações contra o ‘modus operandi’ das companhias. As queixas não são apenas de atraso nas respostas aos sinistros dos clientes, mas também dos mediadores de seguros, que se sentem “usurpados” pelos operadores.

Por Antunes Zongo



Elmer Vivaldo de Sousa Serrão, novo PCA da Arseg

A revisão da lei, que vigora há 19 anos, bem como a criação do resseguro nacional são os maiores desafios da nova administração da Agência Angolana de Regulação e Supervisão de Seguros (Arseg).

Alguns operadores consideram mesmo que, entre as “imensas preocupações”, a revisão da lei é a “mais urgente”. Esperam, por isso, que a aguardada alteração legal mude as normas de pagamento dos sinistros de acidente de trabalho.

Na lei em vigor, as seguradoras são “obrigadas a indemnizar em caso de sinistro mesmo sem ter recebido o prémio”, dado que a lei dá prerrogativas de o segurado pagar depois dos 30 dias da assinatura da apólice. O plano de

conta das seguradoras previsto pela actual lei é outra regra que as empresas desejam ver alterada para evoluir para as normas de contabilidade IFRS, que são regras de contabilidade internacionais, já usadas pela banca nacional e empresas internacionais.

O método de partilha e gestão dos riscos do co-seguro petroquímico está também entre as situações que os players, sobretudo operadores, esperam ver alteradas, porque não entendem as razões pelas quais se mantém um modelo sem respaldo legal, dado que o mandato conferido à Ensa, pelo Decreto Presidencial 39/16, anda caducado há mais de três anos.

Entre outras, consta também dos desafios da nova administração da Arseg, elencados pelo VALOR com apoio de alguns dos principais intervenientes do sector, a conclusão da empresa

Sobre o novo administrador

Elmer Vivaldo de Sousa Serrão, novo PCA da Arseg, até então administrador executivo da Comissão do Mercado de Capitais (CMC), tem 36 anos de idade, é licenciado em Direito pela Universidade Agostinho Neto e mestre em Administração de Negócios (MBA) com especialização em Negócios Internacionais pela National University, em Los Angeles. Ingressou na CMC em 2012, tendo sido nomeado administrador executivo do órgão, em Setembro de 2016.

nacional de resseguro, denominada AngoRé.

De acordo com dados oficiais, a criação do resseguro poderá proporcionar a retenção de 500 milhões de dólares por ano, valor que é ressegurado no estrangeiro. Face à ausência de uma resseguradora nacional, as empresas têm optado por repartir internamente os riscos, visando reduzir o volume

de divisas enviado para outras geografias, que de 50 passou a ser enviado 35% dos prémios brutos.

Em Outubro, o então PCA da Arseg, Aguinaldo Jaime, exonerado na semana passada, garantiu que a empresa arranca mesmo este ano, sublinhando que estava ultrapassada uma das maiores dificuldades do projecto, que era a representação do Estado na empresa.

A criação de um seguro agrícola é outro dos desafios que se coloca à nova direcção da Arseg, agora chefiado pelo jurista Elmer Vivaldo da Silva Serrão.

Operadores consideram que, apesar de serem muitos os desafios que se colocam à nova administração da Arseg, não são propriamente exigências novas. São sobretudo políticas e iniciativas que a anterior administração assegurava que poderia realizar antes do fim do mandato.

Arevisão da lei e a criação de novos seguros, por exemplo, são temáticas que há muito estiveram na agenda da Arseg, mas muitos dos objectivos acabaram por não se realizar.

Entretanto, para lá das mudanças que as seguradoras esperam ver operadas, há também ‘vícios’ das companhias que a nova administração da Arseg terá de ‘frear’.

Por exemplo, sob pretexto de crise, mas ignorando o despacho 2/02 de 11 de Fevereiro, muitas companhias ultrapassam em demasia o prazo legal para solucionar os sinistros.

As queixas que se registam contra o ‘modus operandi’ das seguradoras não são apenas dos segurados, mas também dos mediadores de seguros, que, de acordo com a lei, são parceiros das empresas. Segundo esses parceiros, há companhias que coagem os clientes a não renovarem os contratos que mantêm com os mediadores com quem subscreveram a apólice, sempre que os contratos estejam a chegar ao fim.

Mas as denúncias de violações das normas por parte de algumas seguradoras vão mais além. Até ao momento, muitas companhias continuam a ignorar o Aviso 1/15, instituído há três anos, que determina a criação de um provedor do cliente junto das seguradoras, que serve de canal de comunicação entre a empresa e o tomador que se queixe de “atrasos para a resolução” de um sinistro.

No fundo, concluem vários operadores, além das políticas que se esperam venham a ser tomadas a favor das companhias, a nova administração da Arseg terá também como desafios a fiscalização das seguradoras, visando a observância da obediência das regras, que passam pelo cumprimento do prazo de resposta dos sinistros, a provisão financeira, a publicação de relatórios de contas, entre outros.

LIGA NOS

zap



ACOMPANHE O MELHOR
DO FUTEBOL PORTUGUÊS!

SPORT-TV **ÁFRICA** CANAIS 20 E 21HD

3TV CANAL 24

EXCLUSIVO ZAP DISPONÍVEL NO PACOTE ZAP PREMIUM

APOIO AO CLIENTE:
935 555 500 | apoio.cliente@zap.co.ao
TODOS OS DIAS, INCLUINDO FERIADOS, DAS 7:00 ÀS 24:00

INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES

SIGA-NOS EM: [f](#) [v](#) [i](#) [t](#) + INFO EM: www.zap.co.ao

Mercados & Negócios

MEDIDA EM VIGOR EM OUTUBRO

Bancos com dificuldades de aumentar as reservas obrigatórias para 22%

POLÍTICA MONETÁRIA. Banco Central exige que os bancos passem a reservar 22% dos depósitos em moeda nacional, contrariamente aos anteriores 17%. Instituições dizem que têm o dinheiro aplicado e, por isso, precisam de um tempo para recuperar os vencimentos.

Por César Silveira

Os bancos estão com dificuldades de cumprir, por indisponibilidade de liquidez, a ordem do Banco Nacional de Angola (BNA) de aumentar em cinco pontos percentuais o coeficiente de reservas obrigatórias em moeda nacional, passando de 17% para 22% dos depósitos.

A dificuldade resulta, sobretudo, do carácter imediato de implementação da medida, segundo apurou o VALOR em conversa com diversos banqueiros, defensores de que o banco central deveria dar um prazo, no limite de três meses, para a entrada em vigor da medida. “Assim, os bancos, quando receberem o vencimento dos títulos, não voltariam a aplicar para cumprir com a orientação do BNA”, argumenta o líder de uma das principais instituições financeiras do país, esclarecendo que não se trata de falta de dinheiro.

“Os bancos têm, mas está aplicado, com prazos fixos, com



Sede do Banco Nacional de Angola, em Luanda

os clientes e o próprio Estado”, confirma o administrador de uma outra instituição, acrescentando que “um aumento em cinco pontos percentuais é muito dinheiro”.

Nesta ordem, acreditam os banqueiros, “é provável que, nos próximos tempos, alguns bancos recebam sanções por incumprimento desta medida porque estão sem disponibilidade”.

BFA ISOLA-SE DAS DIFICULDADES

Um administrador do BFA garante que a instituição está fora das que estão com dificuldades de cumprir com a

5,0

Pontos percentuais, aumento do coeficiente das reservas obrigatórias determinado pelo BNA.

10

Por cento, taxa de juro fixada para a facilidade permanente de absorção de liquidez

agora para 114,4 mil milhões, uma diferença de cerca de 26 mil milhões.

“FALSO” LAMENTO

O BNA não respondeu ao VALOR sobre as possíveis penalizações aos incumpridores, mas determinada corrente do sector manifesta-se contra o ‘lamento’ dos bancos, lembrando que o coeficiente de 17% foi estabelecido apenas em Julho de 2018, visto que até então era de 21%.

Esta corrente lembra ainda que, nesta altura, o coeficiente para os depósitos do Governo passou de 75% para 17% e dos governos locais e administrações municipais passou de 50% para 17%. “A decisão conferiu liquidez adicional aos bancos, principalmente para os que possuem grandes volumes de depósitos do Governo, em moeda nacional, que são, essencialmente, os de maior dimensão”, reconhece o BNA no seu relatório e contas de 2018.

O BNA justifica a decisão de aumentar para 22% o coeficiente de reservas obrigatórias com a necessidade de “consolidar o novo regime cambial”. Além da medida, decidiu remover a margem de 2% sobre a taxa de câmbio de referência, praticada pelos bancos no comércio de moeda estrangeira no mercado interbancário e aos seus clientes, e estabeleceu a taxa de juro de 10% para a facilidade permanente de absorção de liquidez, com maturidade de sete dias.

exigência do BNA. Em 2018, a carteira de depósitos em moeda nacional do BFA era de 266.320.503.000 kwanzas, o que significa que tinha em reserva cerca de 45.274.485.510 e que agora tem de aumentar para 53.264.100.000 kwanzas, ou seja, mais 7.989.614.490.

O incremento do BFA, entretanto, representa cerca de 30% da necessidade de reforço do BAI, o maior banco em depósito. Em 2018 o BAI tinha um depósito, em moeda nacional, de cerca de 520 mil milhões de kwanzas o que significa que a sua reserva estava fixada em cerca de 88,4 mil milhões de kwanzas e passa

A TAAG FOI ELEITA, a 11 de Novembro, presidente da AFRAA (Associação das Companhias Aéreas Africanas), para um mandato de um ano, que culminará com a realização da Assembleia-Geral Anual de 22-24 de Novembro de 2020, em Luanda.

A Total é a operadora do Bloco 17 e detentora de 40% do projecto.



TOTAL EXPLICA SITUAÇÃO DO BLOCO 17

Girasol em paragem programa de 45 dias

PETRÓLEO. Parceiros do Bloco 17 esperam um adicional de 150 milhões de barris a partir de 2020 para fazer face ao declínio natural do bloco mais produtivo do país.

A unidade de produção petrolífera Girasol, enquadrada no Bloco 17, está a cumprir uma paragem geral programada de 45 dias no último trimestre de 2019 para efectuar trabalhos de manutenção das instalações, segundo a direcção da Total.

A informação consta de uma nota enviada ao VALOR pela petrolífera na sequência da matéria publicada na edição passada, dando conta que o FPSO Pazflor, que também faz parte do Bloco 17, está a produzir abaixo da capacidade por problemas técnicos.

A companhia garante que “actualmente não existem irregularidades técnicas” na referida unidade de produção que “apresenta um desempenho operacional de 97 por cento relativo ao ano em curso”.

Quando contactada pelo VALOR, na véspera da publicação passada, a petrolífera manifes-

tou-se indisponível a esclarecer o que se estava a passar. “Antes de mais agradecemos pela solicitação efectuada pelo Valor Económico, e pelo presente se afere-se ter-se tomado conhecimento da notícia publicada pelo vosso jornal na edição N° 183 de 04/11/2019 e Título: Principal bloco petrolífero com produção reduzida”, escreve a empresa na nota.

A petrolífera assegura, em todo o caso, que tem estado a trabalhar no sentido de minimizar os constrangimentos causados pelo declínio natural do Bloco 17, o mais produtivo do país.

“A produção dos campos do Bloco 17 teve o seu início há 19 anos com o campo Girasol, seguido do Dália, em 2006, o Pazflor, em 2011, e CLOV, em 2014, atingindo o seu pico máximo de produção em 2015 com cerca de 700 mil barris de produção diária e seguindo-se um declínio natural previsto”, lembra a companhia. E acres-

centa que “a optimização destes recursos é estratégica para Total E&P Angola e seus parceiros do Bloco 17, e por este motivo foi aprovado um investimento de 2,5 mil milhões de dólares em 2018 para o desenvolvimento de três novos projectos neste bloco, nomeadamente o CLOV Fase 2, o Zínia Fase 2 e o Dália Fase 3, representando cerca de 150 milhões de barris de petróleo adicionais e cuja entrada em produção está prevista para 2020 e 2021 através dos FPSOs CLOV, Pazflor (Zínia) e Dália”.

A Total é a operadora do Bloco 17 e detentora de 40% do projecto, tendo como parceiros a Equinor, 23,33%; a Esso, 20% e a BP, detentora de 16%.

Em 2018, este bloco garantiu 38,5% da produção global do país, que foi de 539.813.065 barris de petróleo bruto, equivalentes a uma média diária de 1.478.940 barris.

TRANSCOOP
Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



**SERVIÇO
PERSONALIZADO COM
CONFORTO E
SEGURANÇA**

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO
NO LOCAL DA CHAMADA



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda

Call center

(+244) 947 992 829

(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



Mercados & Negócios

DEPOIS DE TER EXPORTADO UM MILHÃO DE LITROS HÁ UM ANO

Luandina reforça presença na China

BEBIDAS. Cerveja foi o único produto nacional exposto na CIIE 2019 e estabeleceu acordo para a exportação de 2,9 milhões de litros, estando em negociação outras possíveis parcerias.

Por César Silveira

A Sodiba, produtora da cerveja Luandina, assinou um acordo para exportar anualmente 240 contentores de cerveja para a cidade chinesa de Xuzhou e está a negociar com potenciais parceiros para ter a cerveja a ser distribuída em outras cidades da China.

A parceria estabeleceu-se durante a China International Import Expo (CIIE), evento que, segundo o CEO da Sodiba, Luís Correia, representou a entrada oficial da Luandina e consequentemente da primeira cerveja angolana na China. A entrada 'não-oficial' da cerveja angolana no mercado chinês ocorreu, há cerca de um ano, quando a Sodiba exportou um milhão de litros distribuídos nas cidades de Shanghai, Nanjing, Fuzhou e Xiamen.

Os 240 contentores, agora contratados, equivalem a 2,9 milhões de litros e a receita bruta estimada é de cerca de três milhões de dólares. A "estratégia para o futuro próximo" da empresa passa por ter a Luandina a ser distribuída em todas as cidades chinesas, aproveitando-se da iniciativa chinesa "one belt one road" que isenta os produtos africanos de direitos de importação.

"Queremos ter um distribuidor em cada província", salientou Luís Correia, acrescentando que também têm estado a negociar com as plataformas online Alibaba, JD.com e Sunning.

"A exportação e futura internacionalização são projectos de médio prazo em que temos de nos empenhar e abraçar desde já. Não basta a qualidade da Luandina e as condições favoráveis em termos de fiscalidade com a isenção de direitos já mencionados. É necessário consolidarmos esta presença na China com uma campanha de comunicação que divulgue e promova a nossa cerveja e que apoie os nossos distribuidores no escoamento com uma forte aceitação dos consumidores neste mercado", refere.

Além da China, a Luandina tem sido exportada para Portugal, África do Sul, Namíbia, RDC e Congo Brazaville, assim como Burquina Faso e São Tomé e Príncipe. "Estamos, neste momento, a trabalhar Quênia, Tanzânia, Uganda e Zâmbia", garantiu Luís Correia, para quem o processo para a exportação em Angola "melhorou face ao passado" mas continua caro. "Por exemplo, custos de saída de um contentor em Luanda são duas vezes mais que o custo de transporte para a China. Só a taxa de tráfego no porto são 280 dólares", especifica.

A fábrica da Sociedade de Distribuição de Bebidas de Angola (Sodiba) foi inaugurada em Novembro de 2017 com uma área total de 40 hectares e capaci-



Luís Correia, CEO da Sodiba (à direita), durante a assinatura do acordo de parceria



2,9

Milhões de litros de cerveja Luandina serão exportados anualmente para a China.

dade de produção de 144 milhões de litros e de enchimento de 230 milhões de litros. Além da Luandina, que foi o único produto exposto na China International Import Expo (CIIE) que decorreu entre 5 e 10 de Novembro 2019, a Sodiba produz, sob contrato de licença e representação, as marcas sagres regular, preta e bohemnia.

NOVA GESTÃO DO BCI

Reestruturação do crédito entre os desafios

A nova presidente do conselho de administração do Banco de Comércio e Indústria (BCI), empossada quarta-feira, 6, promete, entre outras medidas, estabilizar financeiramente o banco, reestruturando o crédito. A aposta no capital humano e a preparação do processo de privatização do banco integram os desafios.

Zenaida Zumbi sublinha que a sua administração fará uma "análise mais aturada e estruturada em termos de balanços", visando aferir as rubricas em que incidem os prejuízos e apostar na recuperação do crédito malparado, contabilizado em mil milhões de kwanzas.

Desta feita, a nova administração promete desenvolver vários mecanismos para a recuperação do crédito, para permitir o financiamento de outros projectos.

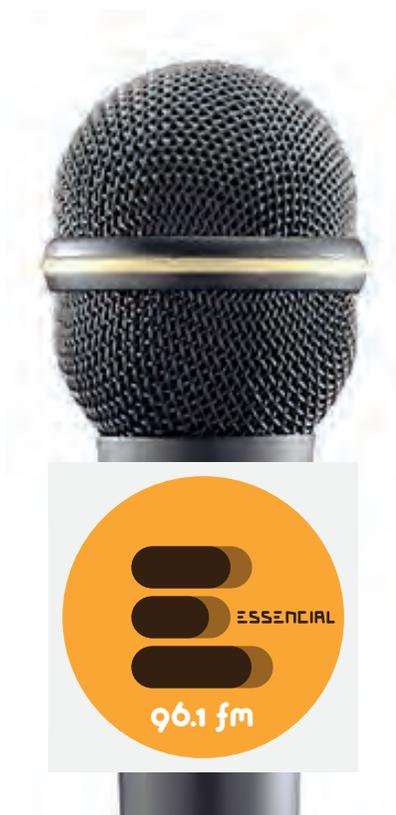
De acordo com a nova gestão do banco, parte significativa do montante do malparado foi disponibilizada no âmbito do programa Angola Investe, já extinto, e do Balcão Único do Empreendedor (BUE).

CORRECÇÃO

Na última edição, o jornal Valor Económico publicou uma notícia em que se referia a dados estatísticos atribuindo-os às Nações Unidas, com projecções que indicam que Angola terá uma população de 68 milhões de habitantes, em 2050. Na verdade, o estudo foi elaborado pela ONU, mas com base nas projecções do Instituto Nacional de Estatística (INE) e não da própria ONU.

O QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



(In)formalizando



HÁ CADA VEZ MAIS OFERTAS COM SERVIÇOS PROFISSIONALIZADOS

Prostituição prolifera e ‘regulariza-se’ nas redes sociais

JUVENTUDE. Falta de emprego e deterioração dos salários apontados como estando na base do crescimento da prática. Vozes críticas alertam para os perigos da profissão, aconselham alternativas mais “honrosas” e exigem a intervenção do Estado.

Por Antunes Zongo

A

prostituição é uma prática reconhecida pelo mundo, havendo cada vez mais países que têm optado pela sua legalização.

Em Angola, por falta de legalização mas também pela condenação moral da sociedade, a prática é normalmente realizada

às escondidas. Ou seja, nem as mulheres nem os homens que nela se envolvem querem ser vistos. Mas, nos últimos tempos, sobretudo com o surgimento das redes sociais, com destaque para o Facebook e o Whatsapp, as jovens prostitutas passaram a criar perfis de prostituição, sem receio de colocar o rosto e o corpo explícitos.

Quem visita essas páginas, ou contacta as jovens via telemóvel, fica com a nítida sensação de que, em inúmeros casos, se trata de mulheres cultas ou que têm à disposição um serviço de agenciamento qualificado, não só

pelo nível de organização, mas também pelo domínio da língua portuguesa falada e escrita. E há vários sites e páginas dessa natureza, o que também leva à diversificação de preços.

Testemunhos recolhidos pelo VALOR revelam que a definição de preços médios é difícil, mas há uma espécie de categorização, por “critérios de qualidade e de quantidade” que definem as balizas. Esses critérios podem incluir a idade da jovem, a beleza exterior, a zona em que reside e/ou oferece os serviços e uma infinidade de atributos. É por essa razão que, em Luanda, os

preços podem começar pelos quatro mil kwanzas por acto sexual ou por hora e atingirem os máximos de 50 mil kwanzas por acto ou hora.

Os valores mais altos são cobrados, geralmente, por determinados grupos que oferecem até serviços mais sofisticados, incluindo ‘callcenter’ durante 24 horas. E para se ter acesso às jovens desses grupos, o cliente deve fazer a reserva com um ou dois dias de antecedência, via Facebook, Whatsapp ou telemóvel. E o ‘freguês’ é direccionado a um dos apartamentos que o grupo tem arrendado na circunscrição mais próxima em que “reside o produto”, nome de código atribuído à requerida.

Ao VALOR, algumas dessas jovens justificam o ofício com a falta de oportunidades de trabalho ou com a generalidade dos salários baixos que não satisfazem as necessidades correntes. Mas muitos dos que estão de fora condenam a prática e aconselham as jovens a investirem na formação técnico-profissional e num “negócio honroso”.

Julieta Fernandes, vendedora de peixe ao domicílio, reconhece que muitas jovens enveredam para a prostituição por causa do desemprego, que já ronda os 4,1 milhões de pessoas, 55% das quais mulheres, segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística. Ainda assim, Julieta Fernandes pensa que a situação não pode justificar a “corrida que se verifica à vida fácil (prostituição)”, apontando-se como exemplo. A cuidar de três filhos sozinha, sem emprego nem apoio familiar, a jovem decidiu trabalhar como vendedora de peixe das embarcações, em Cacucaco. Sete anos depois, acabou por criar o próprio negócio, com um investimento de 15 milhões de kwanzas. “A prostituição não leva a lado nenhum, senão à depressão, face ao sentimento de desvalorização humana, além de doenças sexualmente transmissíveis. Apelo às miúdas a investirem em negócio próprio ou a um emprego, mesmo com salário mínimo”, aconselha.

Nancy Ernesto é também uma jovem empreendedora. Fundadora e CEO da Anvon Nancia Comercial, iniciou o negócio de cosméticos em 2012, altura em que regressou ao país, vinda da

MEMORIZE

● Ao VALOR, algumas dessas jovens justificam o ofício com a falta de oportunidades de trabalho ou com a generalidade dos salários baixos que não satisfazem as necessidades correntes. Mas muitos dos que estão de fora condenam a prática e aconselham as jovens prostitutas a investirem na formação técnico-profissional e num “negócio honroso”.

Nos últimos tempos, sobretudo com o surgimento das redes sociais, as jovens prostitutas passaram a criar perfis de prostituição, sem receio de colocar o rosto e o corpo explícitos.



Em Angola, por falta de legalização e pela condenação moral, a prostituição é realizada às escondidas.

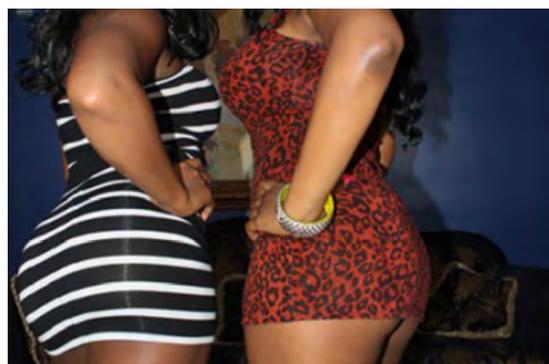
Mário Mujetes © VE

50 4 55

Mil kwanzas é quanto custa um acto sexual por hora em grupos 'devidamente' organizados.

Mil kwanzas é o valor base cobrado por um acto sexual em diferentes zonas de Luanda.

Por cento é a representação feminina num universo de 4,1 milhões de desempregados no país.



África do Sul, onde estudou e trabalhou como 'líder de vendas' de uma empresa do ramo em que actua.

A jovem, que inicialmente operava na informalidade, investiu 10 milhões de kwanzas para começar o negócio. A aposta, como declara, tem "valido a pena, dado a crescente movimentação diária". Por exemplo, em 2018, a empresa facturava 1,2 milhões de kwanzas/mês. Neste ano, a facturação mensal subiu 108% para 2,5 milhões de kwanzas.

Declarando-se com problemas como qualquer um, a jovem empreendedora explica

que optou por "estudar e trabalhar". Hoje conta com dez colaboradores directos e quatro 'líderes de vendas' (pessoas que gerem um grupo de revendedores). Além de duas lojas em Luanda, possui um quiosque no Zaire. O estabelecimento localizado no Shopping Xyami representa mais de 70% do volume de negócio.

Carla Teresa, funcionária de uma boutique, na rua da Liga Africa, considera que as jovens que se encontram na prostituição desconhecem "o valor do corpo". Embora gerente do local, tem um salário mínimo

que não cobre "muitas despesas", mas, ainda assim, prefere o trabalho "honesto e honroso" à prostituição.

A gestora viveu 18 anos na Zâmbia e regressou a Angola padecida de uma "forte" pneumonia. Viveu em residências de amigas enquanto procurava tratamento. Antes ser gerente da boutique, vendeu flores e fez outros negócios.

Carla Teresa não tem dúvidas de que as jovens prostitutas "preferem dinheiro fácil e constante". A jovem chama atenção para os perigos e apela a uma intervenção do Estado.

PUB

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792

Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

De Jure



EM LUGAR DE FÁCIL ACESSO E VISUALIZAÇÃO

Contribuintes obrigados a afixar selo do IVA

LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA. Apresentação do selo visa, entre outros, melhorar a identificação dos contribuintes enquadrados no regime geral do IVA e evitar o aproveitamento especulativo.

Por Redacção

Os contribuintes enquadrados no regime geral do Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) passam a ser obrigados a afixar o selo de identificação dos contribuintes nos seus estabelecimentos.

A medida vem expressa no decreto executivo nº 326/19, de 30 de Outubro, em que a ministra das Finanças, Vera Daves, determina que o selo de identificação dos contribuintes deve ser afixado em lugar de fácil acesso e visualização por parte

do público, sendo igualmente obrigatória a sua apresentação aos agentes de fiscalização que assim o exijam.

De acordo com o decreto executivo, compete à Administração Geral Tributária (AGT) proceder à fiscalização do cumprimento no disposto no diploma.

Em caso de incumprimento – punível nos termos da legislação tributária e demais legislações em vigor –, o decreto prevê que os demais órgãos de inspeção do Estado devem comunicar o facto à AGT, mediante o auto de notícia, nos termos do Código Geral Tributário.

Os selos dos contribuintes enquadrados no Regime Geral do IVA são disponibilizados electronicamente pela AGT por via do portal do contribuinte em www.portalsigt.minfin.gov.ao, em que também poderão proce-

MEMORIZE

● **Em regime de não sujeição, de acordo com a nota, “estão o peixe, frutas nacionais e outras mercadorias adquiridas aos pescadores ou camponeses, por estes estarem isentos do pagamento do IVA”. Integram também o grupo de produtos isentos de pagamento do IVA os combustíveis, como a gasolina e o gasóleo.**

der à impressão do selo.

O Ministério das Finanças justifica a medida de afixação do selo dos contribuintes com a necessidade de garantir “uma efectiva aplicação da legislação tributária, melhorar a identificação dos contribuintes enquadra-

dos no regime geral do Imposto sobre o Valor Acrescentado e evitar o aproveitamento especulativo” que se tem verificado no processo de implementação do referido imposto.

EM VIGOR DESDE OUTUBRO

O selo de identificação das empresas ou contribuintes autorizados a cobrar o IVA está em vigor desde 1 de Outubro, mas só recentemente o Ministério das Finanças decretou a obrigatoriedade da sua afixação nos estabelecimentos.

No selo, vem inscrito o nome da empresa ou contribuinte autorizado, com o respectivo número de contribuinte.

Numa nota recentemente divulgada, a AGT dava conta da participação do Serviço de Investigação Criminal no reforço das equipas de fiscalização de

preços dos produtos, sobretudo os da cesta básica que “já estão a ser especulados, com o argumento falso de existir alteração da estrutura de custo, devido à entrada em vigor do IVA”.

Segundo ainda o documento, “não há razões para a alteração do preço do pão no país, pelo facto de a farinha de trigo (matéria prima) estar isenta de pagamento do IVA e as padarias se encontrarem no regime de não sujeição”.

Em regime de não sujeição, de acordo com a nota, “estão o peixe, frutas nacionais e outras mercadorias adquiridas aos pescadores ou camponeses, por estes estarem isentos do pagamento do IVA”.

Integram também o grupo de produtos isentos de pagamento do IVA os combustíveis, como a gasolina e o gasóleo.

MODELO CONTINUA A SER DAS PRINCIPAIS TÉCNICAS DE ESTUDO DE POSICIONAMENTO DE MERCADO

As 5 forças de Michael Porter

ESTUDOS. Se tem um negócio, se trabalha numa empresa ou se está a pensar em mudar de ramo, estudar os seus concorrentes e a sua actuação no mercado é absolutamente vital. Um dos métodos técnicos mais comprovados para a avaliação de concorrência é, sem dúvida, as 5 forças de Porter. Apresentado ao mundo em 1979, num artigo da revista científica Harvard Business Review, o método consiste na identificação das cinco forças que determinam a posição de qualquer empresa no seu mercado de actuação e que não são afectadas pela volatilidade.

Por Redacção



Michael Eugene Porter nasceu em Maio de 1947, é formado em engenharia mecânica e doutorado em economia com distinção na universidade de Harvard onde se tornou professor. O também fundador do Monitor Group, agora parte da consultora Deloitte, é autor de 18 livros e o mais citado no campo de economia e negócios que estudam a orgânica das indústrias.

Opiniões

Como definir uma estratégia de investimento inteligente



António Oliveira,
Partner EY, Advisory Services

de crescimento e do seu posicionamento competitivo, empresas diferentes definem a alocação de capital de maneiras diferentes.

A nossa experiência nos mercados demonstra que um negócio que adopte uma abordagem formal e sistemática da alocação de capital estará mais bem posicionado para maximizar o valor criado pelas oportunidades. No entanto, num estudo recente da EY com a participação de mais de 500 CFO globais, cerca de 72% admitem que o seu processo de alocação de capital deve ser aprimorado. A chave está em determinar a combinação perfeita entre investir no crescimento do negócio e captação de novos clientes (que pode ser através de crescimento orgânico ou M&A) e investir na consolidação de margem com vista à maximização da remuneração accionista futura.

ESTABELECEM EXPECTATIVAS DE REMUNERAÇÃO DE INVESTIMENTO

A avaliação da performance da função de investimento deverá ir além da medição do Return On Investment (ROI). A estratégia de investimento deverá ter em consideração as expectativas que os diversos stakeholders internos e externos, assim como o posicionamento no mercado, contribuição para a produtividade e impacto nos recursos humanos (estratégias de crescimento têm normalmente um impacto positivo na motivação dos recursos humanos).

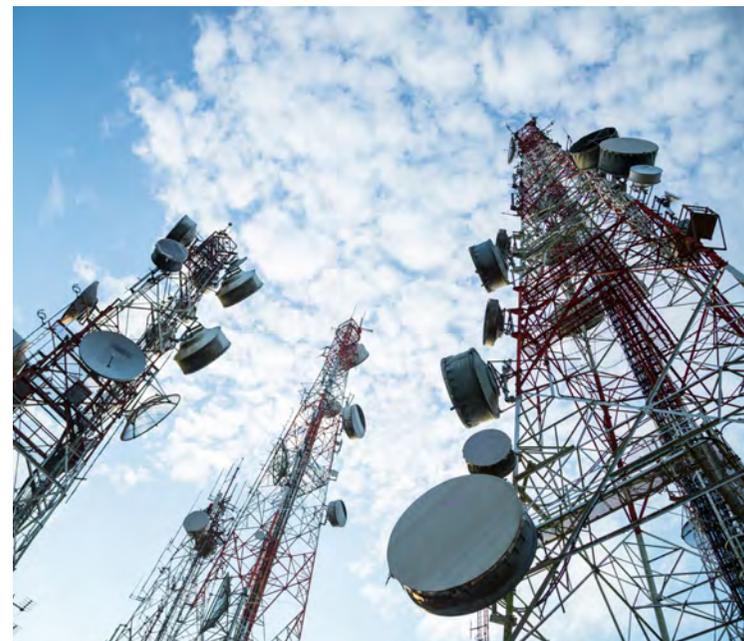
Ter os dados certos e as ferramentas analíticas adequadas para avaliar os dados, juntamente com

a análise estatística adequada, é essencial não apenas para tomar decisões de alocação de capital, mas também para analisar o desempenho dos investimentos realizados no passado, a fim de corrigir correctamente quando necessário e aprender lições para otimizar decisões futuras. Critérios de medição claramente definidos e indicadores robustos construídos em torno da análise de dados são um pilar fundamental de uma estrutura eficaz de alocação de capital.

CONTRIBUIR PARA O AUMENTO SUSTENTÁVEL DO VALOR ACCIONISTA

Baseando-se na estratégia da empresa, as unidades de negócios podem aumentar o valor do investidor para além da soma do valor dos seus activos físicos e intelectuais. Ao fazer escolhas estratégicas racionais sobre os investimentos e a alocação de recursos financeiros, a gestão aumenta a probabilidade de que as actividades das unidades de negócio tenham sucesso e assim aumentar o valor do negócio.

A chave da sustentabilidade está na definição dos incentivos da gestão, os quais não devem ser centralizados sobre a rentabilidade de curto prazo e libertação de cash imediata. Incurtir uma cultura de gestão que equilibre o risco de longo e curto prazos com o ROI pode ajudar a garantir que os executivos não tomam decisões que possam dar um impulso de curto prazo ao preço das acções, sacrificando a rentabilidade futura ou mesmo a sustentabilidade do negócio.



Os estranhos que ‘perseguem’ a Unitel e a Movitel



César Silveira,
Editor Executivo
Valor Económico

sentar a desconhecida empresa como uma sucursal da Multinacional Orascom e o negócio como uma ‘simples’ parceria e não uma venda, tentando desvalorizar-se um ‘negócio’ que conta com o aval do Presidente da República.

Mais empresas, nacionais e ou internacionais, decerto, gostariam de ter a oportunidade da Angorascom SA e, por isso, estavam as condições criadas para a realização de um concurso público. Ao não se optar por esta via, estão as condições criadas para se desconfiar do caminho que determinou o encontro entre a Angola Telecom e a até então desconhecida Angorascom, uma parceria que levanta saudades da então esquecida Telstar. Duas realidades que colocam a busca por concorrentes para a Movitel e a Unitel como uma oportunidade para o surgimento de estranhos e a segunda mais estranha que a primeira, uma vez que, com a Telstar, ainda era possível encontrar os seus registos em Diário da República, contrariamente à Angorascom.

Se por um lado é óbvio que a definição de uma estratégia de investimento é de extrema importância para o sucesso de um negócio, na prática verifica-se em muitos casos que o processo de definição da estratégia de investimento é um processo pouco científico e minucioso. Uma estratégia de investimento eficaz deve definir (i) a política de alocação de recursos financeiros; (ii) as expectativas de rentabilidade do investimento; e (iii) contribuir para o aumento sustentável do valor accionista.

POLÍTICA DE ALOCAÇÃO DE RECURSOS FINANCEIROS

A estratégia de investimento deve ser a ferramenta que a empresa utiliza para limitar a alocação de recursos às melhores oportunidades de desenvolvimento do negócio.

Em função dos seus objectivos, do estágio que ocupam no ciclo

Assim fica cada vez mais difícil aceitar que o Governo está efectivamente apostado em fazer da transparência uma marca das suas acções e decisões. A entrega do negócio móvel da Angola Telecom para a total desconhecida... é apenas uma das muitas ‘bandeiras’ do Governo, que volta e meia cria situações para dar razão aos que resistem em aceitar que o Governo do MPLA tenha capacidade para fazer da falta da transparência uma realidade do passado.

Surgiram informações a apre-

“A verdade é que, apesar do nome, a era do neoliberalismo estava longe de ser liberal. Impôs uma ortodoxia intelectual cujos guardiães eram totalmente intolerantes à dissidência.”

O fim do neoliberalismo e o fim da história



Joseph E. Stiglitz

No final da Guerra Fria, o cientista político Francis Fukuyama escreveu um famoso ensaio chamado ‘O fim da História?’. Argumentava que a queda do comunismo eliminaria o último obstáculo que separava o mundo inteiro do seu destino final, que seria a democracia liberal e a economia de mercado. Muita gente concordou.

Hoje, à medida que enfrentamos uma retirada da ordem global liberal baseada em regras, com governantes autocráticos e demagogos à frente de países que contêm bem mais da metade da população do mundo, a ideia de Francis Fukuyama parece peculiar e ingénua. Mas reforçou a doutrina económica neoliberal que prevaleceu nos últimos 40 anos.

A fé do neoliberalismo em mercados desenfreados como sendo o caminho mais seguro para a prosperidade partilhada está na unidade dos cuidados intensivos nos dias de hoje. E com razão. O declínio simultâneo da confiança no neoliberalismo e na democracia não é coincidência ou uma mera correlação. O neoliberalismo prejudica a democracia há 40 anos.

A forma de globalização prescrita pelo neoliberalismo deixou indivíduos e sociedades inteiras incapazes de controlar uma parte importante de seu próprio destino, tal como Dani Rodrik, da Universidade de Harvard, explicou de forma tão clara e tal como afirmo nos meus recentes livros ‘A Globalização e os seus descontentamentos revisitados’ e ‘Pessoas, poder e lucro’. Os efeitos da liberalização do mercado de capitais foram particularmente odiosos: se o principal candidato à presidência num mercado emergente ‘perdesse a graça’, em Wall Street, os bancos retirariam o dinheiro do país. Os eleitores enfrentavam então uma escolha dolorosa: ceder a Wall Street ou enfrentar uma grave crise financeira. Era como se Wall Street tivesse mais poder político do que os cidadãos do país.



Mesmo nos países ricos, era dito aos cidadãos comuns: “Vocês não podem defender as políticas que desejam” – fosse ela a protecção social adequada, os salários decentes, a tributação progressiva ou um sistema financeiro bem regulamentado – “porque o país perderá competitividade, os empregos desaparecerão e vocês sofrerão”.

Tanto nos países ricos como nos pobres, as elites prometeram que as políticas neoliberais levariam a um crescimento económico mais rápido e que os benefícios iriam ser repartidos para que todos, inclusive os mais pobres, ficassem em melhor situação. Para se chegar a esse patamar, os trabalhadores teriam, contudo, de aceitar salários mais baixos e todos os cidadãos teriam de aceitar cortes em importantes programas governamentais.

As elites alegaram que as suas promessas eram baseadas em modelos económicos científicos e na “investigação com base em provas”. Bem, após 40 anos, os números estão aí: o crescimento diminuiu e os frutos desse crescimento foram, na sua esmagadora maioria, para um punhado que está no topo. À medida que os salários estagnavam e o mercado de acções subia, o rendimento e a riqueza espalhavam-se para os mais ricos, em vez de se espalharem para os mais pobres.

Como é que a restrição salarial – para alcançar ou manter a competitividade – e a redução dos progra-

mas governamentais podem resultar em padrões de vida mais elevados? Os cidadãos comuns sentiram como se lhes tivessem vendido uma lista de artigos. Estavam certos em sentirem-se enganados.

Agora estamos a enfrentar as consequências políticas deste grande artifício: desconfiança das elites, da ‘ciência’ económica em que se baseava o neoliberalismo e do sistema político corrompido pelo dinheiro que tornou tudo isso possível.

A verdade é que, apesar do nome, a era do neoliberalismo estava longe de ser liberal. Impôs uma ortodoxia intelectual cujos guardiães eram totalmente intolerantes à dissidência. Os economistas com perspectivas heterodoxas eram tratados como hereges a ser evitados ou, na melhor das hipóteses, desviados para algumas instituições isoladas. O neoliberalismo continha poucas semelhanças com a ‘sociedade aberta’ que Karl Popper defendia. Tal como George Soros enfatizou, Popper reconheceu que a nossa sociedade é um sistema complexo e em constante evolução, no qual quanto mais aprendemos, mais o nosso conhecimento muda o comportamento do sistema.

Em nenhum lugar essa intolerância foi maior do que na macroeconomia, onde os modelos predominantes descartaram a possibilidade de uma crise como a que vivemos em 2008. Quando o impossível aconteceu, foi tratado como se fosse uma inundação

em 500 anos – um fenómeno insólito que nenhum modelo poderia ter previsto. Ainda hoje, os defensores dessas teorias recusam-se a aceitar que a crença nos mercados autorregulados e a rejeição de externalidades como inexistentes, ou sem importância, levaram à desregulamentação que foi essencial para alimentar a crise. A teoria continua a sobreviver, com tentativas ptolomaicas de as ajustar aos factos, o que atesta a realidade de que as más ideias, uma vez estabelecidas, geralmente têm uma morte lenta.

Se a crise financeira de 2008 não conseguiu fazer-nos perceber que os mercados sem restrições não funcionam, a crise climática certamente deveria conseguir: o neoliberalismo acabará literalmente com a nossa civilização. Mas também está claro que os demagogos que querem que viremos as costas à ciência e à tolerância só pioram as coisas.

O único caminho a seguir, o único caminho para salvar o nosso planeta e a nossa civilização, é um renascimento da história. Temos de revitalizar o Século das Luzes e reafirmar o nosso compromisso de honrar os seus valores de liberdade, respeito pelo conhecimento e democracia.

Professor na Universidade de Columbia University, Prémio Nobel da Economia, antigo economista-chefe do Banco Mundial

A fé do neoliberalismo em mercados desenfreados como sendo o caminho mais seguro para a prosperidade partilhada está na unidade dos cuidados intensivos nos dias de hoje. E com razão. O declínio simultâneo da confiança no neoliberalismo e na democracia não é coincidência ou uma mera correlação. O neoliberalismo prejudica a democracia há 40 anos.

Marcas & Estilos

Conforto e estilo

Os ténis Yeezy 700 V2 Geode da Adidas são compostos por pele, tecido sintético e borracha numa mistura que lhe traz uma versão geodésica, mais aprumada e clássica, diferente do que a Yeezy nos tinha habituado a um certo desmazelo chic. São desenhados para o conforto dos pés de quem não se esquece do estilo.



Elegância ao look

A Gucci dispensa apresentações e consegue pegar na mais simples peça de vestuário e transformá-la num ícone. Esta conta essa história e com o padrão clássico Gucci GG. Transforma a silhueta e dá elegância ao seu look.



Agasalhos criativos

Se é de um toque asiático que o seu guarda-roupa precisa, a Kenzo, pela mão do criativo Kenzo Takada, traz-lhe esta 'sweat' de gola redonda e mangas compridas em tons de cinza e azul.



Respirando a pureza

O topo de gama dos ionizadores vai deixar o seu carro livre de fumo, pó, cheiros e bactérias. Com uma tecnologia que usa mais de quatro milhões de iões negativos e sem mudança de filtros, o purificador da BC Purifiers é imperdível.



Design intemporal

Porque é na Suíça que se fazem os relógios de respeito, a marca italiana de luxo Salvatore Ferragamo trouxe de lá a máquina deste relógio de pulso Gancino. Com 22 mm em pulsante vermelho, adicionou-lhe os detalhes, como o design intemporal.



Versáteis e confortáveis

A marca Seletti Wears Toilepaper, fundada há quase uma década, é irreverente e ousada nas suas misturas de design italiano e humor excêntrico e provocador. Estas peças, que podem dar um toque especial à sua sala, quarto ou escritório, são versáteis e confortáveis com um ascendente retro que trouxe os anos 50 de volta.



TURISMO

Um museu a céu aberto

A capital da Itália está na região do Lazio, erguida entre sete colinas próximas ao Rio Tibre. Berço da civilização ocidental, com mais de três mil anos, é a cidade que mais concentra vestígios históricos. É a sede de uma das mais importantes civilizações da história. O HT6 Hotel Roma dispõe de quartos elegantes. Fica a 50 metros da Grande Sinagoga de Roma. Com televisão LED ligada à internet, quartos climatizados. A cozinha italiana está entre as mais completas, ricas e deliciosas do mundo, principalmente pelos ingredientes. Um dos pratos mais tradicionais é o Risoto.

Uma escala em Frankfurt, na Alemanha, ou Lisboa, em Portugal, leva-nos a este verdadeiro museu a céu aberto.



AUTOMÓVEL

Dinamismo na condução

A sétima geração do BMW Série 5, assegura o fabricante, aponta o caminho para o futuro. A BMW vê a liderança tecnológica, os produtos emocionalmente ricos e a digitalização como factores essenciais para o sucesso.

No desenvolvimento desta nova geração G30, uma das prioridades foi a dinâmica de condução. Nesse sentido, a BMW partiu de um conceito de design completamente diferente e que

obrigou a uma escolha dos materiais e atenção ao detalhe bem mais rigorosa.

O resultado foi um coeficiente aerodinâmico melhorado, um novo chassis, uma suspensão que garante maior rigidez, um centro de gravidade mais baixo e uma redução de peso em cerca de 100 kg, apesar do aumento das dimensões gerais do carro, o que, segundo a marca, beneficia também o conforto para os passageiros.

AGENDA

LUANDA

14 DE NOVEMBRO

A produtora Geração 80 apresenta o filme '1999', realizado por Hugo Salvaterra e produzido por Nupur Mehrotra, no Centro cultural Brasil Angola, pelas 18h30, com entradas livres.

15 DE NOVEMBRO

Os artistas plásticos Lucano e Wilson inauguram a exposição colectiva 'Entre a Arte e a Reciclagem', na sala da Thomson Art House, a partir das 18h30.

23 DE NOVEMBRO

Duetos n'Avenida com Filipe Mukenga e Selda, na Casa 70, a partir das 21 horas.

28 DE NOVEMBRO

'Workshop' sobre 'O IVA e a sua Introdução em Angola', na Mediateca de Lunada, entre as 9 e as 13 horas.

14 DE DEZEMBRO

Show 'Best of Anselmo Ralph' no Dream Space, a partir das 19 horas.



SELDA apresenta o concerto 'O Meu Canto', na sexta-feira, 15 de Novembro, no Centro Cultural Camões, em Luanda, pelas 19 horas. Os ingressos estão disponíveis no local do evento por 3.500 kwanzas.

PATENTE ATÉ 30 DE NOVEMBRO

Galeria Tamar Golan apresenta 'A Fonte'

Os artistas plásticos angolanos Airina da Silva (Kishakipito), Leandro Marques, Jardel Selele, Hednezer Roma e Uólofe Griot expõem na Galeria Tamar Golan, em Luanda, 'A Fonte', uma exposição colectiva que deverá ficar patente até 30 de Novembro.

Os protagonistas da mostra possuem algumas características em comum. Além de serem membros da Unap e terem já realizado exposições individuais e colectivas, são naturais de Luanda. As idades de cada um variam, mas todos partilham um dado que salta à vista: são grandes talentos, uns comprovados, outros a despontar.

Hednezer Roma apresenta

a dependência do homem pelas máquinas. Nesta era do consumo, Kisha Kipito leva à reflexão a crítica sobre o consumismo excessivo e o desperdício. Também a preocupação de o homem explorar a natureza de uma forma sustentável está patente na obra de Jardel Selele. Uólofe Griot mostra-se preocupado com forma como os artistas são tratados, ou seja, menos valorizados. E com pinceladas e traços fortes, Leandro Marques mostra o quotidiano das comunidades.

A exposição reúne artistas com influências diversas para um harmonioso intercâmbio de saberes e subjectividades.

A mostra pode ser visitada de segunda-feira a sábado, das 12h30 às 19h30, na galeria de arte contemporânea da Fundação Arte e Cultura, na baixa de Luanda.



A mostra pode ser visitada de segunda-feira a sábado.



A peça, estreada a 18 de Setembro de 2009, no Nacional Cine Teatro de Luanda.

NO CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS, EM LUANDA

Documentário 'Outros Rituais Mais ou Menos' lançado amanhã

CINEMA. Peça foi criada com base em entrevistas e trabalho de pesquisa sobre a cultura cokwe, tendo como ponto de partida o 'corpo', com as distintas significações e contactos.

O realizador Jorge António prevê proceder amanhã, terça-feira (12) ao lançamento do DVD 'Outros Rituais Mais ou Menos', no Centro Cultural Português, em Luanda, a partir das 18h30.

Este é um documentário que acompanha a montagem da obra 'Peças Para uma Sombra Iniciada' e 'Outros Rituais Mais ou Menos', criada com base em entrevistas de campo e trabalho de pesquisa sobre a cultura cokwe, tendo o 'corpo', com as distintas significações e con-

MEMORIZE

● A peça, estreada a 18 de Setembro de 2009, no Nacional Cine Teatro de Luanda, marcou o reinício das temporadas da Companhia de Dança Contemporânea de Angola.

1966. Licenciou-se em Cinema e Teatro e especializou-se na área da produção.

Colaborou em várias produções, tendo realizado o primeiro filme com apenas 24 anos. Cruzou-se com Angola após ter realizado - em 1993 e durante o período de guerra - a longa-metragem e primeira co-produção luso-angolana 'O Miradouro da Lua'.

Em 2010, no âmbito do Festival Internacional de Cinema (FIC Luanda) recusou o Prémio do Melhor Documentário pelo seu trabalho 'O Lendário Tio Liceu e os N'gola Ritmos', oferecendo o valor monetário a uma instituição de caridade de apoio a crianças.

tactos, como ponto de partida.

A peça, estreada a 18 de Setembro de 2009, no Nacional Cine Teatro de Luanda, marcou o reinício das temporadas da Companhia de Dança Contemporânea de Angola.

Jorge António, o autor do documentário, nasceu em Lisboa em

NÚMEROS DA SEMANA

1.000

Milhões é o montante da dívida acumulada desde 2017, pelos clientes da Ende, entre domiciliares, empresas públicas e privadas, no Namibe, segundo o porta-voz, Massoxi Carlos.

11

Por cento, taxa de aumento do fluxo de investimento directo estrangeiro em 2019, estando fixado em 46 mil milhões de dólares.

7,2

Por cento é a proporção média em que se valorizou a moeda nacional face ao dólar entre 29 Outubro e 11 de Novembro.

25

Mil kwanzas, custo do saco da farinha de trigo que, há duas semanas, estava a ser comercializado a 15 mil.

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM VATICANO

JLo ‘inspira-se’ na Santa Sé

O Presidente João Lourenço, que visita oficialmente o Vaticano, por dois dias, deverá encontrar-se nesta terça-feira, 12, com o Papa Francisco para abordar questões que têm que ver com o reforço da cooperação estabelecida em Julho de 1997 com o mais pequeno Estado do mundo que tem apenas cerca de mil habitantes.

Depois do encontro com o chefe da Igreja Católica, Lourenço deverá, no dia seguinte, render homenagem ao primeiro embaixador do Reino do Congo junto da Santa Sé, depositando uma coroa de flores na sepultura de Dom Antó-



rio Manuel Nvunda (Negrita). A agenda presidencial inclui também uma passagem pelos mais emblemáticos monumentos, destacando-se o Museu do Vaticano, a Basílica de São Pedro e a Capela Sistina. Só o Museu do Vaticano, que alberga algumas das obras mais famosas do mundo elaboradas por artistas que se tornaram intemporais, como Miguel Ângelo e Leonardo da Vinci, recebe quase quatro milhões de visitantes por ano. São números que, de longe, batem os angolanos, que, em média, não passa de 200 mil excursionistas anuais.

Dados disponíveis revelam que, em 2013, o orçamento operacional do Vaticano era de menos de 300 milhões de dólares, enquanto os activos passíveis de alienação somavam cerca de um bilião de dólares.



CHINA-ÁFRICA Ministro do Comércio quer respeito

Joffre Van-Dúnem instou, nesta segunda-feira, no Fórum China África, em Shanghai, a necessidade de os investimentos chineses, no continente, se traduzirem em “valor, a partir das matérias-primas”, com a criação de emprego, transferência de tecnologias e ensino das novas técnicas.

Ao assinalar ser “necessário que as empresas chinesas invistam nos nossos países”, o titular do Comércio defendeu “um relacionamento sincero, transparente e respeitoso na cooperação”, com o ‘gigante asiático’. “Este relacionamento”, acrescentou Joffre Van-Dúnem, “deve ser a base de uma cooperação mutuamente vantajosa, que permita a China manter o seu crescimento económico e África quebrar os índices de pobreza e desigualdade”.

Destacando as reformas em Angola, como a nova Lei do investimento privado, a introdução do IVA e o programa de privatizações, visando a melhoria do ambiente de negócios, o governante destacou que “estão lançadas as bases” quanto à “transparência, livre concorrência e protecção jurídica”.

EM ANGOLA

África do Sul promove turismo

A representação do turismo sul-africano em Angola, apresenta terça-feira, 12, no HCTA, em Luanda, um workshop de promoção das potencialidades turísticas da província do Kwazulu Natal.

Mpume Sibiya, director regional para a África da South African Tourism, vai orientar a sessão na qual serão exibidos vídeos sobre ‘o destino África do Sul’, o ‘des-



tino Durban (Kwazulu Natal), e a operatividade da South African Airways.

A transportadora aérea angolana Taag também foi convi-

dada a mostrar o que vale nesse encontro em que se farão presentes executivos da Associação dos Hotéis e Resorts de Angola.

Durban, fundada em 1835, é a terceira maior cidade da África do Sul em número de habitantes, após Joanesburgo e a Cidade do Cabo. Tem cerca de 2,7 milhões de habitantes (quatro milhões na área metropolitana) e é a maior cidade indiana do mundo fora da Índia. A cidade tem ainda o porto mais movimentado do continente, sendo um destino turístico por excelência.

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao

